

AFINAL, QUEM É ESSE CONTADOR DE HISTÓRIAS? REFLEXÕES, DINÂMICAS E EXERCÍCIOS QUE ESTIMULAM SUA DESCOBERTA

AFTER ALL, WHO IS THAT STORYTELLER? REFLECTIONS, DYNAMICS AND EXERCISES THAT STIMULATE THEIR DISCOVERY

Márcia Evelin de Carvalho

Minicurrículo

Mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí – UFPI (2012). Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (1991) e Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2009). Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Heróis do Jenipapo. Professor Formador do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR /UFPI. Desenvolve atividades profissionais e de pesquisas nas áreas da Literatura e ensino, Literatura Infanto-Juvenil, Tradição oral, Memória e Identidade Cultural com enfoque na Contação de Histórias, Literatura Afro-brasileira, Formação do Leitor, Incentivo à Leitura, biblioteca e Práticas Educativas. Membro do grupo de Pesquisa CNPq Literatura, Leitura e Ensino (UESPI). Integrante do Grupo Cafundó de Contadores de Histórias, desde 1996. Autora do livro de literatura infantil *O Boi do Piauí* (2015), pela Editora Nova Aliança. Endereço: Rua Ernani Araújo, nº2996 – Bairro São João – Teresina – PI – CEP: 64046460.

E-mail: marciaevelindecarvalho@gmail.com

RESUMO

O artigo pretende refletir sobre as diferentes definições do profissional que utiliza a voz para narrar histórias, a luz de teóricos como Busatto (2006), Matos (2005), Moraes (2012) e Bajard (2007), destacando a importância da escuta na formação do leitor, além de trazer propostas de atividades criativas e inovadoras que facilitam o processo de despertar dessa prática, desde a contação de histórias na Roda, como faziam nossos ancestrais, a exemplo dos *Griots*, contadores de histórias africanos, até o contador profissional, que oraliza as histórias que se encontram em livros impressos e se utiliza do suporte digital, intitulado cibercontador. O texto ainda se dispõe a colaborar com a prática pedagógica de professores da Educação Básica, mediadores da leitura, que acreditam na arte de contar histórias como possibilidade de ampliação do imaginário, criação de sentidos e subjetividades. Nesse sentido, considera que conhecer o papel deste profissional se faz necessário, num contexto em que pouco se discute sobre a relevância de sua atuação no âmbito escolar e na formação humana para preservação e transformação sociocultural de um povo.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Formação do Leitor. Cibercontador.

ABSTRACT

The paper reflects on the different definitions of the individual who uses the voice to narrate stories, according to authors as Busatto (2006), Matos (2005), Moraes (2012) and Bajard (2007), highlighting the importance of listening in training of reader. Besides to bring proposals for creative and innovative activities that facilitate the awakening process this practice, from the storytelling as did our ancestors, as the Griots (of African storytellers) to the professional storyteller who tells the stories that are in printed books and using the digital format, entitled cyberteller. The text still has to work with the pedagogical practice of teachers from basic education, reading mediators, who believe in the storytelling art as a possible imaginary extension, creation of meanings and subjectivities. In this sense, it is important to know the role of this professional, since it is required in a context where very little is discussed about the relevance of their work in schools and human training for preservation and socio-cultural transformation of people.

Keywords: Storytelling. Training reader. Cyberteller.

1 INTRODUÇÃO

Com os PCNs (1997), orientadores oficiais das práticas pedagógicas dos professores, o ensino da língua portuguesa passou a enfatizar também a escuta, ligada não só a língua escrita como também, e, sobretudo, a língua oral. Essa foi uma conquista importante, visto que era privilegiada somente a língua escrita, com destaque para a leitura e a produção de textos.

A escuta assim, torna-se uma prática colocada no mesmo plano da leitura, visando, segundo os PCNs (1997), à compreensão ativa e não à decodificação e o silêncio. Escutar, pela primeira vez, torna-se um fator reconhecido na aprendizagem e na aquisição de conhecimento. Esta redescoberta oficial da ação de escutar remete a um ato fundamental da comunicação e ao seu veículo, a voz humana.

O desenvolvimento da linguagem é um processo social que se realiza por meio das possibilidades criadas pelas mediações do sujeito e de dado contexto sócio-histórico que o rodeia. Mas, para que isso ocorra é preciso que essas possibilidades de uso da linguagem sejam significativas e possam criar novas potencialidades, como fontes futuras de significados, em um processo contínuo e dinâmico de re-significação.

A escola, devido a concepções equivocadas sobre língua, linguagem e ensino da língua, tem dificuldade de garantir o uso eficaz da linguagem em todos os níveis de ensino. É preciso entender-se que a linguagem, enquanto sistema

simbólico básico de todos os grupos humanos é um modo de produção social, que envolve interlocutores e contexto, e que a escola é um lugar privilegiado dessa produção.

É nesse contexto que se pretende introduzir a perspectiva da contação de histórias como mais um método de incentivo à leitura e formação do leitor literário. Contar histórias é uma prática em que a linguagem enquanto discurso ficcionalizado, materializa o contato entre o linguístico (a língua enquanto um sistema de regras e de categorias) e o não-linguístico (um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos), por meio de sujeitos interagindo em situações concretas.

Ouvindo histórias a criança se apropria gradativamente das características da linguagem oral, utilizando-as em suas tentativas de comunicação, incorporando as vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo. Para Gardner (1997, p. 215):

[...] o impulso narrativo desempenha um papel importante na organização do mundo da criança, e os sistemas auditivo e vocalizador podem exigir certa quantidade de estimulação que, embora disponível em muitas fontes, parece ser especialmente satisfeita pela experiência literária.

2 O CONTADOR DE HISTÓRIAS TRADICIONAL E O CONTADOR DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEO

Busatto (2006) atenta para o fato de que nos últimos tempos, uma figura que andava em desuso vem voltando a ocupar um lugar social, seja por força de um modismo, seja por uma necessidade inerente ao homem de se comunicar por meio da fala estética, atuando artisticamente com a palavra. Trata-se do contador de histórias, que provoca no outro justamente a atenção e a disposição para escutar. É o contador de histórias que substitui o vazio deixado pelas avós e as amas na formação afetiva dos brasileiros, unindo tradições europeias, africanas e indígenas. O mundo das histórias, manipulando o imaginário, é também uma porta para o inconsciente, onde estão instalados o fantástico e o mágico. É esta mediação que faz o contador de histórias, trazendo à realidade e ao cotidiano do seu ouvinte a intromissão desses outros conteúdos. O trecho do conto O Cego Estrelinho (2012, p. 21), do escritor moçambicano Mia Couto, ilustra bem o que foi dito:

O cego Estrelinho era pessoa de nenhuma vez: sua história poderia ser contada e descontada não fosse seu guia, Gigitto Efraim. A mão de Gigitto conduziu o desvestido por tempos e idades. Aquela mão era repartidamente

comum, extensão de um no outro, siamensal. E assim era quase de nascença. Memória de Estrelinho tinha cinco dedos e eram os de Gigito postos, em aperto, na sua própria mão.

O cego, curioso, queria saber de tudo. Ele não fazia cerimônia no viver. O sempre lhe era pouco e o tudo insuficiente. Dizia, deste modo:

— Tenho que viver já, senão esqueço-me.

Gigitinho, porém, o que descrevia era o que não havia. O mundo que ele minuciava eram fantasias e rendilhados. A imaginação do guia era mais profícua que papaeira. O cego enchia a boca de águas:

— Que maravilhação esse mundo. Me conte tudo, Gigitinho!

[...] Foi no mês de Dezembro que levaram Gigitinho. Lhe tiraram do mundo para pôr na guerra: obrigavam os serviços militares. O cego reclamou: que o moço inatingia a idade: E que o serviço que ele a si prestava era vital e vitalício. O guia chamou Estrelinho à parte e lhe tranquilizou:

— Não vai ficar sozinhandando por aí. Minha mana já mandei para ficar no meu lugar.

O cego estendeu o braço a querer tocar uma despedida. Mas o outro já não estava lá. Ou estava e se desviara, propositado? E sem água ida nem vinda, Estrelinho escutou o amigo se afastar, engolido, esponginquo, invisível. Pela primeira vez, Estrelinho se sentiu invalidado.

— Agora, só agora, sou cego que não vê.

[...] Até que o toque tímido de uma mão lhe despertou os ombros.

— Sou irmã de Gigito. Me chamo Infelizmina.

Desde então, a menina passou a conduzir o cego. Fazia-o com discrição e silêncios. E era como se Estrelinho, por segunda vez, perdesse a visão. Porque a miúda não tinha nenhuma sabedoria de inventar. Ela descrevia os tintins da paisagem, com senso e realidade. Aquele mundo a que o cego se habituara agora se desiluminava. Estrelinho perdia os brilhos da fantasia.

[...] De manhã chega a notícia: Gigito morrerá. O mensageiro foi breve como deve um militar. A mensagem ficou, em infinita ressonância, como devem as feridas da guerra. Estranhou-se o seguinte: o cego reagiu sem choque, parecia ele já sabendo daquela perda. A moça, essa, deixou de falar, órfã de seu irmão. A partir dessa morte ela só tristonhava, definhada. E assim ficou, sem competência para reviver. Até que a ela se chegou o cego e lhe conduziu para a varanda da casa. Então iniciou de descrever o mundo, indo além dos vários firmamentos. Aos poucos foi despontando um sorriso: a menina se sarava da alma. Estrelinho miraginava terras e territórios. Sim, a moça, se concordava. [...] E quando já havia desvendado da tristeza ela lhe arriscou de perguntar:

— Isso tudo, Estrelinho? Isso tudo existe aonde?

E o cego, em decisão de passo e estrada, lhe respondeu:

— Venha, eu vou-lhe mostrar o caminho!

Mia Couto destaca no conto a presença de dois tipos de visões: a “visão realista”, representada pela personagem Infelizmina, que vê a realidade tal qual ela é e o “olhar visionário”, que se constitui de uma representação de um ideal de realidade, de enxergar com o coração, com a imaginação, como faziam os personagens Gigito e o próprio cego Estrelinho. A contação de histórias contempla esse “olhar visionário”, por possuir elementos próprios de um mundo ficcionalizado, que vem a tona através da voz poética do narrador.

Contar histórias é um dos hábitos mais antigos da humanidade. Criada como profissão, nas últimas décadas do século XX, a arte de contar histórias sempre esteve presente na alma da comunidade. O contador de histórias é de fundamental importância para a preservação e transformação sociocultural de um povo.

Antigamente, os homens se reuniam ao redor de uma fogueira e tiravam da memória, as histórias e os mitos fantásticos existidos na tribo ou no clã. Depois os contadores passaram a morar nos engenhos. Eram as escravas mais velhas que, através do dom da palavra, fábricas ambulantes de narrativas, percorriam engenhos e fazendas para abastecer de contos as amas locais. Desde a África, contar histórias era uma atividade privilegiada. Elas reviviam a tradição dos *akpatitas* ou *Griot*: os contadores africanos de histórias.

Já na Idade Média surgem os menestréis, que contavam histórias, cantando notícias. Com o surgimento de escolas abertas a todos e a transferência de um número maior de famílias para os centros urbanos, o velho hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Coube, então, aos escritores, coletar as narrativas orais e registrá-las no papel para que não se perdessem.

No Brasil essa prática foi perdendo a intensidade com a mudança de valores e de comportamento. Mas, ainda hoje, com a televisão e a informática, esta comunicação artesanal está presente em muitas escolas, bibliotecas, espaços culturais e tantos outros lugares.

Para Busatto (2006, p. 9), “a contação de história é um neologismo, uma expressão que se refere ao ato de contar histórias”, podendo também ser chamada de narração de histórias. A autora define dois tipos de contadores, situando-os no tempo e no espaço: o contador tradicional, aquele sujeito que está inserido nas comunidades em que prevalece uma oralidade primária ou mista e o seu contar está ligado ao próprio ato de narração e no transcorrer da vida cotidiana e o contador contemporâneo, que atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias.

Matos (2005, p. 179), também escritora e contadora de histórias, sugere que haja uma “tipificação dos contadores em relação ao repertório”. Assim, classifica-os em “contadores de histórias da tradição oral ou simplesmente contadores de

histórias” e “contadores de causos, piadas e anedotas”. Para a autora, a diferença entre os dois tipos de contadores está em que os primeiros usam a impessoalidade, tudo é pura ficção, enquanto os segundos preocupam-se com a realidade objetiva, imediata, podendo o narrador participar da narrativa como personagem ou testemunha. Matos (2005) exclui de sua classificação como contador de história, aqueles artistas que não constroem seu texto na cena da *performance*, denominando para estes o título de narradores de textos literários.

Segundo Matos (2009, p. 2), o contexto das narrativas também deve ser definido, sendo os contos populares próprios da cultura oral, enquanto os literários da cultura escrita, o que permite que sejam avaliados esteticamente por diferentes critérios.

Enraizado na oralidade, o conto popular tem na sua base de comunicação a percepção auditiva da mensagem, enquanto o literário, enraizando-se na escrita, tem na sua base de comunicação a percepção visual da mensagem. Além disso, o conto literário é produção de um autor que nele irá imprimir seu estilo pessoal e sua própria visão de mundo. Os contos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, que por muitos séculos orientam os homens em sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmos, não são obra de um só autor. Resultam da produção coletiva de um povo que os cria a partir das representações de seu imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário.

Moraes (2012), considerando a relação narrador-história-ouvinte, chama de contador de histórias o agente que (re)produz o texto na forma oral e que detém as decisões com relação ao processo de adaptação e ao momento de contar, definindo a história como um texto empírico proferido oralmente no ato de narrar, mesmo que anteriormente tenha sido concebida na modalidade escrita.

Já Bajard (2007), usa o termo “dizer” ou “transmissão vocal do texto” para referir-se a atividade de comunicação vocal de um texto preexistente e “reconto” para o contador de histórias, que opera no mundo da oralidade. O autor utiliza o termo “vocal”, por achar que o mesmo caracteriza melhor o modo como é emitido o som do texto no momento em que é proferido. Para Bajard (1994), a transmissão vocal do texto introduz o ouvinte no universo da escrita.

Se o discurso do contador enriquece a língua do ouvinte, a língua escrita é, nesse sentido, ainda mais potente. O texto escrito utiliza uma língua mais sofisticada – com gramática mais elaborada e vocabulário mais extenso – que a do discurso do contador. Assim, tanto a língua escrita quanto a língua

oral do reconto contribuem para o desenvolvimento da língua materna. (BAJARD, 2007, p. 28).

No sentido adotado por Bajard (2007), de a contação de histórias referir-se ao reconto, ou seja, a palavra proferida no mundo da oralidade, um bom exercício para incentivar a arte de narrar e perpetuar as histórias da tradição oral é a promoção de Rodas de Histórias ou Rodas *Griot*, em que os mais velhos transmitem suas experiências para os mais novos, numa troca de saberes entre gerações. As Rodas *Griot* permitem aos mais novos o contato direto com a memória de seus antepassados, como faziam os contadores de histórias tradicionais, o que contribui para a ampliação de seu vocabulário cultural e conseqüentemente enriquecimento da língua falada.

Partindo de uma metodologia experimental baseada nos valores civilizatórios afrobrasileiros e na simbologia ancestral dos contadores de histórias que se reuniam numa roda, geralmente, em volta de uma fogueira, para narrarem fatos do dia-a-dia, a denominação Roda *Griot* se deu pela união simbólica da palavra “Roda”, representando o movimento rítmico da circularidade, da totalidade, do temporal e do recomeço e *Griot*, como são conhecidos os contadores de histórias africanos. Como diz Busatto (2005) é na roda que soam as histórias, enquanto se tecem as tramas da imaginação.

Como se pode ver, diante do exposto nos parágrafos anteriores, a denominação, contador de histórias, pode ser definida de diferentes modos, dependendo do que cada contador ou teórico prioriza na arte de narrar; se as características pessoais, o tempo, o espaço, o conteúdo ou a forma como utiliza o seu principal instrumento de trabalho: a voz. Desse modo, o mais importante é que as diferentes definições tenham em comum que o contador de histórias possui como centro de percepção a audição, que lhe proporciona a experiência da unidade, como sintetiza Matos (2009, p.7- 8):

[...] as expressões do corpo, os gestos, o ritmo e a entonação de voz imprimem sentido às palavras e desvelam para o ouvinte as emoções por trás do texto. [...] Na narrativa oral, o que se quer é uma interação imediata com o ouvinte. A linguagem é espontânea, cria-se o texto junto com o auditório, ou seja, as reações do ouvinte são fundamentais para o desenvolvimento da narrativa.

ATIVIDADE: Proposta 1: A RODA DE HISTÓRIAS (RODA GRIOT)

Duração: De uma a duas horas

Clientela: Idosos, jovens e crianças

Objetivo: Salvar a memória dos mais velhos, através de histórias da tradição oral e manter contato com a língua oral.

O que vai precisar: uma roda de cadeiras, instrumentos musicais, um objeto escolhido como elemento motivador da fala, um condutor ou facilitador. Se possível, uma fogueira acesa.

Procedimento:

.Com todos sentados, a Roda tem início com as explicações, do condutor da atividade, sobre o significado simbólico e características da mesma.

.O objeto escolhido como elemento motivador da fala será passado de mão em mão, na roda, parando naquele que por ventura queira contar uma história da tradição oral, caso, lenda, história de vida, canções e brincadeiras da infância, etc, que segurará o objeto até o término de sua narração. E assim acontece sucessivamente, até que todos tenham falado ou que o interesse acabe.

.Uma Roda Griot pode ter um tema predeterminado para as narrativas ou pode ter tema livre. Como variação, pode ser utilizado objetos pessoais, trazidos pelos integrantes da Roda ou levados pelo facilitador, que servirá de ativador da memória.

.O condutor terá o papel de motivar a fala dos integrantes da Roda, fazendo um elo entre uma história e outra, com a introdução de músicas, acompanhadas de instrumentos e de motes literários.

(Atividade recriada pela pesquisadora)

Matos (2009) se refere a contação de histórias em *performance*, termo utilizado por Zumthor (1997, p. 33) para nomear a “ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”. A *performance* acontece na interação, mesclas de sensações e trocas entre o contador e o ouvinte no momento da recepção do texto oralizado. O contador de histórias em *performance* utiliza-se das palavras, das pequenas pausas e da linguagem corporal como matéria-prima para narrar uma história, aproximando-se dos contadores tradicionais. Busatto (2006) acrescenta a esses elementos o ritmo, a intenção e as imagens (verbais/ sonoras/ corporais).

ATIVIDADE: Proposta 2: A CAIXA DE CONTAR HISTÓRIAS

Duração: 5 minutos para cada grupo

Clientela: Alunos do Ensino Fundamental

Objetivo: Exercitar a criatividade e a improvisação no contar histórias.

O que vai precisar: Uma caixa grande contendo objetos, fantasias e outros adereços, coberta com um pano.

Procedimento:

.Divide-se a turma em grupos de cinco alunos;

.Cada grupo dirige-se a Caixa de Contar histórias e um por vez tira um objeto de dentro da caixa, usando somente o tato;

.O primeiro deve tirar um objeto e iniciar uma história com esse objeto; o segundo tira outro objeto e continua a história do aluno anterior, introduzindo esse novo objeto na história iniciada e assim sucessivamente, até que todos tenham tirado. Cada aluno terá um minuto para tirar o objeto e criar sua parte na história;

.Os alunos devem dar uma sequência lógica para a história criada;

.Cada um dos cinco alunos do grupo deve ficar responsável por uma parte da história, ao tirar o objeto da caixa: início, desenvolvimento, clímax, desfecho e final;

O título da história pode ser criado no final.

(Atividade recriada pela pesquisadora)

Outro elemento importante na contação de histórias em *performance* é a criação de imagens mentais, pelo ouvinte, durante a narração. Para isso, é preciso que o narrador faça bom uso da voz e dos recursos citados no parágrafo anterior, que servirão como fio condutor para que esse processo ocorra. Além disso, o contador ou mediador de leitura deve proporcionar aos alunos práticas para que exercitem a imaginação. Um bom exercício é o Jogo de Imaginação Criativa, que pode ser feito antes da escuta da história, como exercício preparatório ou após a história. O professor mediador da leitura ou contador de história poderá criar o texto a ser proferido, que também funciona como uma forma de narrar, sendo a própria história a ser contada.

Proposta 3: JOGO DE IMAGINAÇÃO CRIATIVA

Duração: De 10 a 15 minutos

Clientela: Alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Objetivo: Exercitar a imaginação e a criação de imagens mentais.

O que vai precisar: CD de música instrumental e texto a ser narrado.

Procedimento:

. O exercício deve iniciar com um relaxamento, em que os alunos, deitados no chão, escutam uma música instrumental e a narração de um texto que vai incentivar a criação de imagens mentais.

. Ao término do exercício os alunos podem socializar as impressões e sensações vividas com a turma e registrá-las em forma de desenhos ou produção textual.

(Atividade recriada pela pesquisadora)

Bajard (1994, p. 67) esclarece que a contação de histórias em *performance* utiliza-se de técnicas teatrais, mas possui suas particularidades pois, na contação de histórias, “uma única pessoa assume todas as instâncias do enredo: não somente a voz de cada um dos personagens, como também o discurso do narrador”.

A escritora e contadora de histórias, Cléo Busatto, é autora de um projeto experimental, que reúne a arte e a informática na contação de histórias da tradição oral, gerando o conceito de cibercontadora, isto é, a contadora de histórias inserida no contexto digital interativo do século XXI. O resultado desse trabalho foi a criação do CD-ROM e DVD-ROM *Contos e encantos dos 4 cantos do mundo* (2001) produzido por ela, cuja navegação é um mergulho nas águas brasileiras do

Amazonas ao Paraná, por onde encontramos seres fantásticos que habitam o imaginário popular. Para a autora:

[...] Nessa colcha de retalhos costurada com o fio da fantasia e com o mouse de um computador não encontraremos mais aquela voz primordial que nos transportava da roda ao lado da fogueira para as florestas encantadas ou ameaçadoras; do pé da cama, a castelos assombrados e misteriosos; mas, antes, vamos encontrar a voz do narrador, que lança mão de sofisticados recursos tecnológicos para manter a história acesa (BUSATTO, 2006, p. 99-100).

PARA EXERCITAR 1 CONTANDO HISTÓRIAS NO SUPORTE DIGITAL

Refletindo sobre a experiência da contação de histórias da tradição oral, por meio do suporte digital, visite o site da autora Cléo Busatto (www.cleobusatto.com.br) e escolha um dos contos apresentados por ela para analisar os seguintes aspectos:

- 1- Que elementos, presentes nesse conto, contribuem para que haja aproximações e distanciamentos entre a narração oral ao vivo e a narração no contexto digital?
- 2- Cléo Busatto lança mão de recursos tecnológicos para manter essa história acesa. Que possibilidades interativas o meio propõe?
- 3- Que estéticas seriam ainda possíveis para as artes eletrônicas na contação de histórias da tradição oral no meio digital?

3 O CONTADOR DE HISTÓRIAS COMO MEDIADOR DA LEITURA

Outro termo que aparece nesse novo cenário do contador de histórias contemporâneo, assumindo funções semelhantes a este, porém, mais utilizado em ambiente escolar é o de mediador de leitura.

Bajard (2007, p. 43) conceitua-o como sendo “a pessoa que se interpõe entre o texto e o receptor, tendo em vista facilitar sua recepção”, papel assumido muitas vezes pelo professor de sala, no incentivo à leitura literária.

O autor propõe a atuação dos mediadores de leitura em espaços de sessões de mediações em que sejam oportunizadas alternância entre polos de mediação e espaços de autonomia do leitor (BAJARD, 2007). Espaços como esses permitem que o leitor vivencie momentos de escuta da história, pelos mediadores, geralmente

com a prática de leitura em voz alta, com o uso do livro e de leitura independente, podendo também o mediador assumir o papel de um contador de histórias em performance. Bajard (2007, p. 47) “esclarece que se autonomia e mediação são claramente marcadas no espaço, é necessário destacar que a escuta do texto não exclui o acesso visual”, ou seja, à possibilidade do ouvinte vislumbrar o livro aberto durante a escuta do texto, o que vai depender da habilidade do mediador.

O objeto livro pode ser usado, durante a contação de histórias, mesmo nas “transmissões vocais do texto”, em que o texto escrito foi aprendido para ser oralizado. O primeiro passo é a escolha da história, a convivência com a mesma e o estudo, para depois contá-la.

Na linguagem verbal e corporal os mediadores ou contadores de histórias utilizam-se de um conjunto de meios comunicativos para suas narrações. Dentre eles, Bajard (2007, p. 50) destaca uma sequência de gestos da transmissão vocal, em que o contador, de posse do objeto livro, faz a “extração do texto pelos olhos; a emissão vocal; o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público”, podendo ainda usar a estratégia de combinação dos quatro gestos – resgate, emissão, olhar, exposição, a fim de transformar a transmissão vocal em instrumento central da sessão de mediação. Bajard (2007, p. 61) salienta que:

[...] a performance da transmissão vocal metamorfoseia um texto “adormecido” na página, criado por um autor ausente, em uma comunicação viva entre protagonistas presentes: mediador e ouvintes. [...] A performance transforma o texto gráfico, sempre idêntico, em uma transmissão singular, sempre nova.

PARA EXERCITAR 2

A ESTRATÉGIA DOS 4 GESTOS PARA A TRANSMISSÃO VOCAL DE HISTÓRIAS

A estratégia de combinação dos quatro gestos para a transmissão vocal do texto, estando o mediador de posse do livro, sugerida por Élie Bajard (2007, p. 56 - 62), funciona da seguinte maneira:

1. Resgate-emissão-exposição (quando o ouvinte está ao lado ou no colo do mediador): O mediador *resgata* um trecho da história e faz a emissão, com o livro exposto ao público. Não há o olhar do mediador ao público, devido à posição em que este se encontra, mas a proximidade dos corpos contribui para uma relação de fusão entre ambos.

2. Resgate-emissão-exposição-olhar (quando o ouvinte está em frente ao mediador): O mediador, com o livro voltado para si, num primeiro tempo, resgata um trecho da história e faz a emissão ao público; em um segundo tempo faz a exposição do livro, acompanhada pelo olhar voltado ao público. Essa estratégia é bastante utilizada pelo mediador iniciante, por não necessitar de memorização do fragmento resgatado.

3. Exposição-resgate-olhar-emissão-exposição (quando o ouvinte está em frente ao mediador): O mediador faz a exposição do livro ao público e o resgate de um trecho da história, simultaneamente, num primeiro tempo, o que exige que o livro esteja exposto ao lado do emissor. Em um segundo tempo, o olhar do emissor se endereça ao público, acompanhado da emissão. O livro permanece exposto ao público o tempo todo.

De porte de um livro literário, utilize a Estratégia dos 4 gestos para a transmissão vocal do texto literário com seus alunos, anotando os pontos positivos e negativos encontrados na técnica.

Os contadores mais experientes conseguem mesclar várias técnicas de contar histórias, numa só sessão, podendo associar o uso de fantasias ao álbum seriado, em que, caracterizado como um dos personagens interaja com as imagens do álbum ou ainda que introduza músicas no interior da história, só para citar alguns exemplos.

As possibilidades são diversas, cabendo à prática, bom senso e criatividade do contador ao dosar os diferentes recursos, a fim de permitir um equilíbrio que interfira positivamente na recepção do público ouvinte, pois o contador deve ter em mente que o exagero de recursos, não garante ao ouvinte o espaço de criação das imagens mentais, a partir da voz do narrador, principalmente se a história escolhida for contada em *performance*, com adaptação livre.

Moraes (2012) grafa o termo “adaptação livre” para o processo de memorização ou internalização da história pelo contador, o que define como sendo a

[...] memorização do esqueleto, enredo ou roteiro base da história para que o narrador possa por um lado contá-la com suas próprias palavras sem, no entanto, deixar de lado trechos importantes e relevantes e, por outro lado, sentir-se tão seguro diante da memorização, que possa dar voz ao processo de criação textual no momento de contar (MORAES, 2012, p. 66).

PARA EXERCITAR 3

PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Moraes (2012, p. 107 - 116) estabelece uma sequência básica para o processo de memorização e enriquecimento de uma história, pelo contador, com o recurso da *adaptação livre*:

1- O **roteiro da história** – lista de uma sequência de palavras-chave;

2-O **resumo da história** – união das palavras-chave, no qual serão delineados textualmente os fatos relevantes e imprescindíveis para a total compreensão da mesma;

3- A **história enriquecida** – depois de ter memorizado o resumo, manter a espinha dorsal da história temperando-a com outras palavras, por meio do exercício da improvisação e da criatividade desenvolvendo desse modo um estilo próprio de narrar.

Exercite este processo com as histórias que você pretende contar para seus alunos. Além de auxiliar na memorização, ele serve como um guia ou arquivo das histórias que você conta, podendo ser consultado sempre que necessário.

O termo “adaptação livre” é usado pelo escritor e contador de histórias, Fabiano Moraes (2012, p. 29) em oposição à contação em voz alta, cujo texto oralizado é narrado na íntegra, sem nenhuma alteração. Na “adaptação livre” o texto é recriado a cada nova *performance*, “uma adaptação que se efetiva no momento de narrar”.

Ribeiro (2009) atesta que o processo de formação do contador de histórias só é possível se estiver centrado numa reflexão que envolva suas histórias de leitores, suas necessidades de comunicação artística, sua opção pela palavra como agente sensível, estético, enfim, transformador.

O contar-ouvir histórias pode estimular a aprendizagem de uma forma lúdica, abrindo caminhos para o musicar, o acalmar, o divertir, o pensar, o teatro, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o desenhar, o querer ouvir de novo, o gostar de ler, o ser leitor.

Acredita-se que todo homem é um contador de histórias e que a semente da narração está na vida de cada um. O que se oferece é um processo de iniciação: a descoberta, através de dinâmicas, reflexões e exercícios. O orientador das atividades conduz e facilita as descobertas e os caminhos alternativos para a narração de histórias, sem apresentar um “modelo de contador”. O que importa é o desabrochar e a revelação de cada um nessa arte que pode contribuir com o incentivo à leitura e formação do leitor literário, pois como diz Ribeiro (2009, p. 39) “nenhum segredo existe para formar o leitor, apenas uma apresentação amável e espontânea da Literatura”, papel desempenhado pelo bom contador de histórias.

Referências

BAJARD, Élie. **Ler e dizer – compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez: São Paulo, 1994.

_____. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p. 19-32, jul. / dez. 2015.

_____. **Contos e Encantos dos 4 cantos do Brasil.** Curitiba: CLB Produções, 2001.

COUTO, Mia. O cego Estrelinho. In: **Estórias Abensonhadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp 21-22.

GARDNER, Howard. **As artes e o desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de Histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O ofício do contador de histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MORAES, Fabiano. **Contar Histórias:** a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RIBEIRO, Jonas. **Colcha de leituras: ensaios para unir amores e alinhar leitores.** São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec, 1997.